

A REVISTA MENSAL DE REPORTAGENS,  
TENDÊNCIAS, PERSONAGENS,  
CULTURA, POLÍTICA E ECONOMIA

# Brasileiros

NUMERO 64 - NOVEMBRO DE 2012 - WWW.BRASILEIROS.COM.BR

## ERA UMA VEZ...

ILAN BRENMAN, UM DOS  
GRANDES AUTORES DA  
LITERATURA INFANTIL  
CONTEMPORÂNEA

## INSTITUTO PRÓ-LIVRO

UMA ANÁLISE DOS  
LEITORES BRASILEIROS

## JOSÉ AUGUSTO NASCIMENTO

UM PANORAMA SOBRE  
A LITERATURA INFANTIL

## LÚCIA HIRATSUKA


A ARTE DE ESCREVER  
PARA CRIANÇAS



Brasileiros **5** anos





A child with dark hair, wearing a red and white horizontally striped shirt, is holding a large yellow balloon. The child's face is partially visible, looking towards the camera. The background is a soft, out-of-focus blue and white.

Número 64

## HISTÓRIAS QUE INSPIRAM

Despertar a imaginação, inspirar as brincadeiras, provocar risos e transmitir conhecimentos. Tudo isso é possível através da literatura infantil, um segmento que ganha mais magia, humor e visibilidade com o autor Ilan Brenman. Escritor, contador de histórias, psicólogo, Doutor em Educação e pai de duas meninas, Ilan é alguém que se conecta com a realidade das crianças e cria uma ponte entre dois mundos. O mundo do adulto — que é repleto de desafios, vitórias, perdas e dificuldades — com o univer-

so infantil — que não é necessariamente puro e ingênuo, porém dinâmico, criativo e especial. Quando contatado por nossa equipe, Ilan Brenman foi solícito e acessível. Porém, pediu privacidade em relação à sua vida pessoal. Essa preferência não foi um empecilho, pois desde o começo a ideia da **Brasileiros** foi apresentar ao público a trajetória profissional do autor, que é pautada por um trabalho persistente e corajoso. É o que você irá conhecer agora nas próximas páginas.



베터북  
BETTER BOOKS



# Brasileiros

A REVISTA MENSAL DE REPORTAGENS, TENDÊNCIAS, PERSONAGENS,  
CULTURA, POLÍTICA E ECONOMIA - NÚMERO 64 - NOVEMBRO DE 2012

## BRASILEIROS EDITORA LTDA.

**Orientador e Editor** Fábio Cardoso  
**Repórter e fotógrafa** Bruna Andujar  
**Repórter e fotógrafa** Nathália de Pádua  
**Repórter e fotógrafa** Priscila Silvério  
**Designer responsável** Rafaela Oliveira e Tig Vieira  
**Arte da capa** Henrique Falcão

**SITE BRASILEIROS**  
[www.brasileiros.com.br](http://www.brasileiros.com.br)

A revista **Brasileiros** é uma publicação da Brasileiros Editora Ltda.

Rua Mourato Coelho, 798 — 8º andar — Pinheiros  
05417-001 - São Paulo - SP  
Tel.: (55 11) 3817 4802  
[redacao@brasileiros.com.br](mailto:redacao@brasileiros.com.br)  
[comercial@brasileiros.com.br](mailto:comercial@brasileiros.com.br)

Fale conosco

### ASSINATURAS

[www.revistabrasileiros.com.br/assine-brasileiros](http://www.revistabrasileiros.com.br/assine-brasileiros)

55 11 3817-4802

Horário de atendimento: segunda  
a sexta-feira das 9h às 18h

### PARA ANUNCIAR

[comercial@brasileiros.com.br](mailto:comercial@brasileiros.com.br)

55 11 3817-4802

### FALE COM A REDAÇÃO

[redacao@brasileiros.com.br](mailto:redacao@brasileiros.com.br)

[www.brasileiros.com.br](http://www.brasileiros.com.br)

twitter rev\_brasileiros

facebook Revista Brasileiros

www.brasileiros.com.br  
navegue  
explore  
visite  
nosso  
site  
brasileiros  
com.br

IMPRESSÃO  
Power GRAPHICS

Unidade Berrini  
Eng. Luis Carlos Berrini, 509  
0457-010 - São Paulo - SP

Auditoria pela BDO



A Brasileira considera dos melhores ambientes e sociais utiliza papel com  
certificação FSC (Forest Stewardship Council) no processo de produção.  
A certificação FSC garante que uma indústria produz papel proveniente de  
um manejo considerado social, ambiental e economicamente adequado  
a outras fontes comerciais. Impresso em Papel Editora e Gráfica Ltda.  
→ certificado no caderno de qualidade - FSC.

# Brasileiros

**06**

## **LITERATURA INFANTIL**

A arte de Ilan Brenman

**12**

## **ENTREVISTA**

Especialista aponta os possíveis caminhos da literatura infantil

**11**

## **ANÁLISE**

Um perfil do leitor brasileiro pelo Instituto Pró-Livro

**16**

## **ILUSTRAÇÃO**

Entre os pincéis e as palavras de Lúcia Hiratsuka

**18**

## **DEPOIMENTOS**

Uma palavra para um grande autor









# OBSERVAR, CONTAR E ENCANTAR A ARTE DE ILAN BRENMAN

**E**m um sábado, no primeiro dia de setembro último, às 10h20, a Biblioteca Hans Christian Andersen no bairro Tatuapé, zona leste de São Paulo, já estava com o auditório parcialmente ocupado por futuros contadores de histórias. Os olhos eram atenciosos e quase não piscavam. As expressões variavam entre a expectativa e o divertimento enquanto o escritor e contador de histórias Ilan Brenman se apresentava. Com 54 livros publicados, o autor alegre e cativa as crianças, surpreende e encanta os pais e consegue envolver diferentes públicos com suas narrativas. Com a proposta de lançar um novo olhar sobre o tipo de livros escritos para o público infantil, Ilan combina humor com conteúdo em suas histórias. Naquela manhã, ele iniciou a palestra com *A senhora Verdade e a dona História*. Em poucos minutos conquistou o público. Em síntese, este conto de origem sufi – que vem da sabedoria popular árabe – fala como a verdade chegou à terra “linda, perfeita e nua”, adjetivos usados pelo contador. Mas os homens a acharam vulgar. Magoada, a senhora Verdade encontra a dona História que estava toda adornada, repleta de tecidos e maquiagens. A Verdade conta o que aconteceu para a História, que lhe empresta sua roupa. Quando a Verdade volta a se aproximar dos homens eles pedem que ela conte uma história. E ela inventa. Foi assim que a História se vestiu de Verdade, e vice-versa. Enquanto o contador vai desenrolando a narrativa, é possível notar a entonação da voz que traz uma dose de mistério e outra de humor, assim como o uso sutil dos gestos manuais, que proporciona cadência e movimento para o reconto.

**N**ascido em 1973, Ilan é israelense e passou os primeiros seis anos de vida em uma cidade chamada Kfar Saba. Sua origem apresenta diferentes nacionalidades. Os avós eram russos e poloneses, os pais argentinos e, agora, o autor construiu uma família brasileira. Sua mãe recorda que quando chegaram ao Brasil, Ilan chorou indo para a escola durante um ano inteiro.

O escritor, desde cedo, demonstrou criatividade e manifestou interesse pela escrita, ficção e artes. Apesar de não manter muitas lembranças da infância, Ilan conta sobre um terremoto vivido em Israel, o enterro dos ovos de uma tartaruga na areia da sua escola e suas caminhadas para chegar até as aulas quando ainda era bem pequeno e morava em Kfar Saba. O autor também recorda seu comportamento introspectivo.

Quando tinha outros amigos por perto conseguia brincar, correr e jogar bola, mas era capaz de criar um mundo de diversão em sua cabeça e, assim, nem sempre precisava de mais alguém. “Vejo crianças que não conseguem ser assim, precisam sempre do outro. Eu não precisava. Quando os amigos vinham eu brincava, mas quando não vinham eu não ficava histérico, nunca tive esse problema. Eu me virava com a minha cabeça”, relembra. De qualquer forma, Ilan não acredita no conceito de infâncias felizes “Infância feliz é uma coisa que o adulto elabora, ele finge isso para ele e os outros. A infância é infância, tem momentos bons e ruins, a gente esquece as coisas”, afirma com um tom quase professoral.

Essa possibilidade de refletir e conceituar a infância não provém apenas da experiência de Ilan como escritor. Ele também é pai de duas meninas — a Lis de oito anos de idade e a Iris, que tem cinco. Além disso, há a base



Ilan Brenman quando criança  
acervo pessoal da família

de conhecimento teórico e profissional. Formado em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e com Mestrado e Doutorado em Educação pela Universidade de São Paulo, sua vida já englobou diversas atividades. “Fui psicólogo, atendi em clínica, fui orientador de escola, professor de sala de aula de crianças pequenas, de ensino médio, faculdade e trabalhei anos na fundação ABRINQ (Associação Brasileira dos Fabricantes de Brinquedos). Tudo isso junto com o mestrado, doutorado, contando histórias e, do ladinho, escrevendo livros. Mas o que eu queria de tudo isso era o livro”, recorda o autor.

Quando lembra que teve de deixar de dar aula, algo que realmente gostava, ele demonstra que seu sentimento pelo universo literário é forte “Minha paixão maior era a literatura, mexer com livro, sou um louco pelo objeto livro, por arte, eu tenho milhares de livros em casa. É uma paixão mesmo e era isso que eu queria fazer”. Entre os muitos autores apreciados por Ilan, há Carlos Heitor Cony, Érico Veríssimo, Machado de Assis, Voltaire e Victor Hugo. Na literatura infantil brasileira, ele cita Ana Maria Machado, Ricardo Azevedo, Eva Funari, Tatiane Belinky, Ruth Rocha, entre outros.

Retomando a lista profissional de Ilan, a contadora de histórias e amiga há cerca de dez anos, Ana Luisa Lacombe, aumenta ainda mais as atividades. Ela

conta que o escritor já ministrou palestras e cursos, além de ter atuado em orfanatos. Nessas e outras instituições Ilan praticava mais uma de suas paixões: as contações de histórias.

Ana fala como o contador foi uma grande inspiração para o início de sua própria trajetória “Ele é diferente, quebra barreiras, cria intimidade e mostra que qualquer um pode contar histórias. Mexeu com o meu ponto de vista. Vi que era mais simples do que imaginava”. Situação semelhante aconteceu com César Obeid, de 38 anos, também escritor infantil e contador de histórias. Ele observa que a simplicidade é o que torna Ilan um exímio contador, trazendo “(...) a possibilidade de contar histórias sem recursos que não seja a voz, o corpo, as emoções. Ele levou isso ao extremo e não tem nenhum tipo de roupa especial, não usa nenhum elemento, nada que possa interferir na figura do narrador oral. E essa forma simples, pura, respaldada por uma linha de pesquisa intensa me chamou a atenção. Foi uma grande referência para mim, com essa possibilidade de um escritor que contava histórias”.

Essa facilidade em lidar com as narrativas já rendeu a Ilan diversos convites de cursos para formar contadores. Quem compartilha algumas lembranças sobre isso é Lili Flor, narradora de histórias e educadora, formada em Letras e Pós-graduada em Literatura Infantil e Juvenil pela Universidade



# COM DÉCADAS DE PESQUISAS, ILAN BRENMAN RECONTA HISTÓRIAS POPULARES DE DIFERENTES LUGARES DO MUNDO

de São Paulo. “Quando eu comecei a trabalhar com literatura infanto-juvenil sempre procurava referências literárias. Busquei e achei o Ilan sem querer. No livro *As narrativas preferidas de um contador de história*, eu encontrei o que queria”, recorda Lili. Desde então, ela foi se aproximando do escritor. Eles trocaram informações valiosas sobre a área e descobriram que concordavam em diversos pontos no segmento educativo e literário. “Nós nos identificávamos em várias questões, eu trabalhava já com narração e ele também. Um belo dia ele me ligou convidando para dar um curso de formação de contadores de história”, conta a escritora. Apesar de já ter experiência, Lili ficou nervosa com o convite.

Porém, a agenda cheia de viagens e compromissos de Ilan não permitiu o trabalho em conjunto que eles esperavam. Então o autor sugeriu: “Lili, a gente monta o programa e você dá as aulas no curso”. A ideia era preparar novos contadores. “Como o Ilan não podia ficar o curso todo, pois tinha exigência presencial, ele chamou o Giba Pedrosa. Ele nos apresentou e estou há três anos dando esse curso. Eu falo sempre que ele é meu padrinho. Foi ele quem me colocou lá e o levo todos os anos para conversar com os alunos”, afirma a contadora.

A preparação para contar e recontar histórias – seja no papel ou na voz – é intensa e, ao mesmo tempo, quase natural para Ilan. “O reconto são pesquisas de décadas e do mundo inteiro. Busco histórias populares da Índia, da África, da China, da Rússia. Aí eu me apaixono por elas, vou capturando os detalhes e reconto”, simplifica. Quem acompanhou bem as pesquisas dele foi Heloísa Prieto, que é Doutora em teoria literária, escritora e pesquisadora em literatura infantil. Em 1997, ela ministrou uma oficina de criação literária no Museu de Arte Moderna, da qual Ilan participou e conta que, nessa época, ele já desenvolvia seu talento como contador e estudava a mitologia judaica. “Eu observava, enquanto professora, que Ilan apreciava especialmente as narrativas que continham tiradas bem-humoradas, com surpresas no final. Este já era um traço marcante em seu trabalho”, comenta Heloísa.

Quando questionado diretamente sobre suas preparações, Ilan deixa claro que usa a história como uma ferramenta de comunicação. A vida, ele afirma, é quem

realmente oferece as habilidades. Por isso, sua bagagem é construída através de leituras e referências do dia a dia. Todo tipo de assunto está presente para embasar seus discursos, desde novela das oito até filmes, passando por textos filosóficos. “Na palestra eu não sou um ator, sou eu mesmo. Eu palestrando é igual a eu não palestrando. Não estou fazendo uma atuação. O humor dos meus livros está presente em muitas palestras, no bate-papo com minha esposa e meus amigos. Então a preparação teórica é a vida”, teoriza.

Para Ilan, portanto, contar histórias não é apenas um passatempo ou diversão, mas sim uma forma de expressar e compartilhar conhecimentos

e aprendizados. De fato, foi assim que sua carreira se iniciou. Ele tinha apenas 18 anos quando estagiava no Hebraica, o tradicional clube judaico de São Paulo. Foi lá que três crianças se aproximaram pedindo por histórias. Ele disse que não sabia contar e pediram para inventar. “Esse inventa mudou a minha vida”, recorda com emoção. Hoje em dia, porém, as atividades com contações estão diminuindo.

O escritor ainda realiza alguns eventos e noites temáticas em um projeto conhecido como “Degustação de Histórias”. A ideia é servir pratos que se relacionem com o tipo de contos daquela noite: indianos, árabes, entre outros. A responsável pelas refeições é a chef Tanea Romão, enquanto Ilan fica encarregado de servir o “alimento da alma”, termo que ele gosta de usar para evidenciar a importância das histórias. O evento acontece uma vez por mês com um esquema de rodízio entre as unidades da Livraria da Vila, em São Paulo. Assim, algumas noites são feitas na Vila Madalena, outras no Shopping Higienópolis ou no Shopping Cidade Jardim.

Mas, neste momento, sua dedicação é quase exclusiva à escrita. O próprio autor admite que, com o decorrer do tempo, tem contado cada vez menos histórias e se voltado mais à produção e divulgação dos livros. Os amigos reforçam este acontecimento. Ana Luisa diz que, por conta da família e horários ele deixou alguns projetos. “O Ilan realmente valoriza esse momento com a família”, revela Ana. César faz a mesma constatação “Eu percebo que depois que ganhou as filhas ele começou com uma nova fase, que são os livros inspirados na vida dele, na vida das meninas”. Com as obras do cotidiano e diversas outras, Ilan entrou em destaque no cenário nacional.

## O politicamente incorreto

Conectado ao mundo infantil, as obras de Ilan se destacam não somente pela escolha de temas, ora simples, ora polêmicos, mas também pelo humor constante e a abordagem sensível que estão presentes ao longo das leituras. Diversos prêmios, participações em palestras e eventos de peso — como a última Bienal do Livro de São Paulo — atestam sua importância no cenário contemporâneo.

Diferente de muitos escritores, o autor não escreve com o objetivo final de moralizar ou educar. Ele faz a rota inversa e aposta na inteligência das crianças. “Ele não tem medo, não vai pelo caminho fácil e detesta essa coisa moralizante”, enfatiza a contadora Ana Luisa. O fato de levantar temas polêmicos já concedeu a Ilan Brenman o rótulo de “politicamente incorreto”. Um exemplo de obra infantil com abordagens delicadas é *Meu filho pato e outros contos sobre aquilo de que ninguém quer falar*. Ilan não só ajudou a conceber a proposta do livro como também o organizou. A ideia foi convidar escritores que escrevessem sobre a morte, sentimentos de perda e mudanças.

Nem todo autor expõe ao público infantil os fatos da vida. É o que explica José Augusto Nascimento, Mestre em Estudos Comparados de Literatura pela Universidade de São Paulo, pesquisador de literatura infantil e editor de livros infantis e juvenis “Talvez hoje quem mais levante essa questão do

politicamente correto seja o Ilan mesmo. E temos que louvar a ele porque é uma voz no deserto”. O especialista afirma que é necessário ter relevância no segmento para publicar algo mais contestador. Segundo Nascimento, as escolas adotam conteúdos considerados não ofensivos para as crianças a fim de esconder problemas como a violência. “Temos que proteger a criança, mas não esconder e deixar de discutir na escola”, analisa.

Já a contadora Lili Flor acredita que o problema está no fato do adulto querer direcionar a criança em todos os pontos, colocando-a em uma proteção extrema e exagerada. “E sabe qual é o problema? A criança cresce tão insegura e despreparada para a vida que o primeiro ‘não’ que receber ela entra em depressão. Não consegue superar, não consegue entrar no mercado de trabalho quando adulta”. O escritor César também acha que realizar temáticas sinceras nas obras infantis é necessário e correto. “É muito interessante nessa sociedade que busca essa pureza da literatura, o que não passa de uma grande hipocrisia”.

Ilan compartilha da mesma sensação e odeia a falsificação que fazem com as crianças. Em uma de suas obras para adultos, *A condenação de Emília - O politicamente correto na literatura*, publicado pela Editora Aletria, ele aborda o tema com mais profundidade. Quando questionado

a respeito, o escritor discorre sobre o assunto com desenvoltura. Ele relata que apenas buscou traduzir a vida em seus livros “A vida como ela é. E é politicamente incorreta”. Ilan amplia a reflexão ao afirmar

“VENHO DE UMA TRADIÇÃO ONDE O POPULAR É INCORRETO, POIS É ENGRAÇADO E ABORDA A EMOÇÃO, O MEDO, O TERROR, A MORTE.


Quando comecei a escrever literatura era uma coisa natural, eu não fiquei pensando nisso, em escrever literatura para educar e moralizar”, avalia.

Em contrapartida, a escritora Regina Drummond, que mora em Munique, na Alemanha, pensa que o livro não perde a função de ser educativo, pois sempre está ensinando diversos conceitos, mesmo que estes cheguem nas entrelinhas. Regina, em 1992, já era coordenadora do Espaço das Atividades Infantis da Bienal Internacional do Livro de São Paulo e, ao longo de sua trajetória, recebeu diversos prêmios, incluindo reconhecimento como editora com o Prêmio Jabuti da Câmara Brasileira do Livro. Ela acredita que em todo lugar do mundo as crianças gostam de aprender “Aqui na Europa é fantástica a quantidade de livros ‘ensinando alguma coisa’ – e todos adoraram”. A autora afirma, ainda, que se o



Autor conversa com alunos e dá autógrafos em escola paulistana





Números apontam um bom índice de leitura entre os 5 e 10 anos

## Instituto Pró-livro traz o perfil do leitor e analisa os números

Até o século XVII as crianças eram tratadas como pequenos adultos. Depois desse período os conceitos de infância começam a ser desenvolvidos e esta etapa da vida passa a ser percebida como uma época especial, pura e autêntica. Assim, a literatura infantil começa a ser desenvolvida com o objetivo de moralizar e educar, traçando um longo percurso até ser produzida para estimular a imaginação, desenvolver a fantasia e promover diversão.

- No Brasil a literatura infantil começa a aparecer no final do século XIX, sendo quase toda importada.
- No século seguinte, Monteiro Lobato se destaca e revoluciona o segmento, estimulando a imaginação e misturando o realismo com o mágico e o fantástico.
- A pesquisa Retratos para Leitura, realizada em 2011 pelo Instituto Pró-Livro para analisar o comportamento do leitor brasileiro, mostra que Monteiro Lobato é um dos cinco escritores mais admirados, assim como *O Sítio do Pica-pau Amarelo* se destaca entre as obras mais marcantes.
- De 2007 para 2011 ocorreu um pequeno declínio na opção pela leitura dos livros infantis, assim como uma queda no índice geral da literatura. Zoara Failla, gerente de projetos do Instituto Pró-livro, aponta que um dos motivos é a redução da população em todas as faixas etárias.
- Retratos para Leitura também constata que 40% dos leitores citam a mãe como a pessoa que os influenciou a gostar de ler.
- 75% dos brasileiros jamais entraram em uma biblioteca. Zoara Failla propõe uma análise “As crianças de hoje em dia também olham a biblioteca e veem ali um lugar para emprestar livros e fazer uma tarefa, não é um lugar em que elas olharão para as estantes e descobrirão um livro gostoso para ler”.

livro não é exagerado e só escrito com cunho educativo ele não é ruim. “Prova disso é o sucesso que as fábulas fazem, os contos de fadas, as histórias bíblicas e folclóricas. As crianças gostam de ver os maus castigados e os bons premiados”, observa a escritora.

Apesar dessa controvérsia, muitas escolas ao redor de todo o país utilizam os livros de Ilan. *O Alvo*, por exemplo, entrou na compra do governo e irá participar de um kit escolar da prefeitura de Belo Horizonte, que será distribuído em 2013.

Em Leme, interior de São Paulo, a coordenadora pedagógica Tatiana Silva, que trabalha na EMEF Profª Raquel dos Anjos Marcelino, disseminou o gosto pelas obras de Ilan para os outros professores. Agora já são dois anos trabalhando com os livros.

No 1º e 2º ano há três histórias presentes: *Até as princesas soltam pum*, *A hora do almoço* e *Depois dos felizes para sempre*. No 3º, 4º e 5º ano aparecem *As Narrativas Preferidas de um Contador de Histórias*, *Mais narrativas preferidas de um contador de histórias* e *A Senhora Verdade e A Dona História*. A coordenadora conta que as crianças adoram “Principalmente os menores, pois tem muito humor nas histórias dele e as ilustrações são lindas”.

Já na capital do Estado, o Colégio Franciscano Nossa Senhora Aparecida, instituição particular localizada em Moema, criou um programa anual para trabalhar de forma contínua o ensinamento da linguagem oral e escrita. Há atividades permanentes como a roda de conversa, onde acon-

tece comunicação em grupo; roda de leitura; leitura e escrita da rotina e visitas à biblioteca, enquanto outros projetos são esporádicos como o Projeto “Quem conta um conto?”, que permite a ampliação do repertório literário da criança e o desenvolvimento da oralidade. Ilan Brenman faz parte da programação e seus livros são utilizados no Pré-1. Há três anos o escritor vai à biblioteca da escola contar histórias. “Gostamos dos livros dele, pois tratam do dia a dia e são de grande aceitação pelas crianças. Ele aborda temas do cotidiano”, analisa Adriana Zwarg, professora de educação infantil.

Ainda em São Paulo, a Escola Municipal de Ensino Fundamental Maria Berenice dos Santos realizou sua IV Semana Literária em setembro, trazendo uma programação repleta de

conteúdo e diversão para os alunos. Ilan participou do penúltimo dia do evento e interagiu com as crianças. Há três anos ele é conhecido na escola que adota livros como *Telefone sem Fio* e *As 14 Pérolas Judaicas*. Durante todo ano, os professores usam as histórias em sala de aula. Os alunos demonstram atenção e envolvimento.

Nathália, da 4ª série, tem apenas 10 anos e simboliza o interesse pela leitura adotada em aula. Ela fala sobre *As 14 Pérolas da Índia* "Tem várias histórias de tipos diferentes do que conhecemos aqui, histórias que a gente nunca ouviu", diz a menina. Já Daniele, com a mesma idade, ficou em dúvida se o seu favorito é *Papai é Meu* e *O Pó do Crescimento*. As crianças gostam de ler, mas também mostram que o computador costuma aparecer entre suas preferências de lazer.

Para incentivar cada vez mais a leitura, a proposta da escola é que, no momento da feira, os pequenos leitores possam ver que o autor é uma pessoa comum. "O Ilan veio e trouxe as meninas dele e mostrou que as histórias saem de fatos corriqueiros que acontecem em casa. Isso é um incentivo para que eles (os alunos) escrevam também", comenta a coordenadora da escola, Joelma Aparecida Oliveira. Para ela a presença do autor consegue desmitificar a figura de um ser inalcançável.

Ilan dá força para essa percepção, considerando a oportunidade de encontro o ponto máximo de perspectivas do autor "A gente está formando cultura, leitores, crianças que vão se lembrar desse momento gostoso na livraria ou quando chegar o livro na escola. Então, ter esse contato é um ponto muito importante. É essencial para essa missão de formar leitores", justifica o escritor. Ao falar de como se sente quando as escolas adotam seus livros ele deixa bastante claro que o maior retorno não é financeiro "Tenho



## “Poucas famílias cultivam o hábito da leitura”

Mestre em Estudos Comparados de Literatura pela Universidade de São Paulo, José Augusto Nascimento está há mais de uma década, como pesquisador e editor, na área de literatura infantil e juvenil. Em 2009, para obter o título de mestrado, ele realizou uma pesquisa intitulada *Literatura infantil e cultura hipermediática: relações sócio-históricas entre suportes textuais, leitura e literatura*. No trabalho, Nascimento estudou a interferência das novas mídias no âmbito da literatura infantil e juvenil no Brasil. A **Brasileiros** entrevistou o especialista sobre as principais transformações do segmento e as possibilidades para o futuro do livro e da literatura com a influência tecnológica cada vez mais em alta. Confira os melhores momentos da conversa.

uma alegria enorme ao descobrir que alguma escola adotou um livro que escrevi. São essas adoções que me dizem que estou no caminho certo das minhas criações literárias”.

A grande imprensa também está de olho no autor. Muitas matérias publicadas em grandes veículos comprovam tal fato. No site da revista *Veja*, por exemplo, é possível encontrar os textos *Contar Histórias Já é Negócio de Gente Grande*, de Maria Carolina Maia ou *Como Ilan Berman Cativa Adultos e Crianças Contando Histórias*, escrito por Sara Duarte. Os portais da *Folhinha* e *Livraria da Folha*, ambos do jornal *Folha de S. Paulo*, também trazem publicações sobre o autor como *Prin-*

*cesas Também Soltam Pum, e Daí? e Crianças Aprendem com Humor Ensinamentos Budistas*. Em depoimento a Thais Lazzeri, da revista *Época*, Ilan aparece contando sobre erros e equívocos que cometeu ao longo da vida. O texto é de agosto de 2012 e foi intitulado com uma frase sua: "Apostei num livro que ninguém queria ler".

Cristiane Rogério, editora-assistente de educação e cultura da revista *Crescer*, acompanha os lançamentos do autor, além de desenvolver roteiros de vídeos e produzir pautas impressas sobre ele. A jornalista conta que essa cobertura é divertida e importante como aprendizado. Sobre as obras, Cristiane pensa que elas se





**Brasileiros** - Qual é o papel da literatura no desenvolvimento das crianças?

Nascimento - Ela contribui para o desenvolvimento da imaginação, fazendo com que não se perca o prazer da invenção. Além disso, ajuda a criança na escola com um texto agradável que desperte interesse. Assim, é mais fácil aprender e tomar gosto pela leitura.

**Brasileiros** - Como é o mercado de livros infantis no Brasil?

Nascimento - Em boa parte, é movido por livros escolares, principalmente pelo Governo. Então, a

literatura infantil dos autores fica atrelada ao que o governo tem interesse de comprar, o que não é ruim de todo. Sem o Governo, talvez ela fosse pouco expressiva e não teria público. Apesar de ser direcionada, é o que acaba a sustentando.

**Brasileiros** - Mudanças econômicas, tecnológicas e sociais interferem na literatura. No Brasil, quais foram as principais alterações que o senhor identifica no segmento?

Nascimento - Antes era muito mais instrutiva, moralista e atrelada à educação. A criança lia coisas que passassem bons modos. A partir de 1970, com movimentos como o Tropicalismo e Diretas Já, houve conscientização política. Alguns escritores começam a escrever uma literatura mais contestadora, como Ruth Rocha e Ana Maria Machado. Em 1980, fica mais marcante, pois a literatura cria certa independência da escola. E há uma mudança tecnológica com os livros em cores, possibilitando uma revolução nas ilustrações. Também é o momento da televisão colorida dominar o en-

treinamento. Outras mídias simulam isso. Assim, há a preocupação com a visualidade e materialidade do livro. Foram as principais mudanças.

**Brasileiros** - E as transformações mais notáveis nessa primeira década do século 21?

Nascimento - Uma inovação em processo é a computação. As mudanças ainda não são muito evidentes, mas percebo que há um diálogo mais amarrado entre texto e imagem. E tem também uma literatura infantil criada na própria mídia digital, em que é possível ver melhor a questão da interação, multimídia e hipertextualidade. No livro isso é um esforço e adaptação, pois ele é linear, uma página após a outra e um texto estático.

**Brasileiros** - Quais autores se destacam criando na própria mídia digital?

Nascimento - A Ângela Lago, da *Interminável Chapeuzinho* [na obra, a autora reinterpretou em suporte digital o clássico conto de Chapeuzinho Vermelho]. A narrativa traz uma animação

tornam realmente excepcionais por serem diretas e, ao mesmo tempo, preservarem o poder da fantasia, emoção e diversão. "Ele quer levar o leitor a pensar, descobrir e viver", define a editora.

Outro ponto que vale realçar é o alcance do público de Ilan. Há histórias para crianças que estão sendo alfabetizadas e obras que podem ser aproveitadas para um público mais velho, já considerado juvenil. Essa versatilidade, ao lado da qualidade literária, torna Ilan um autor bastante interessante para as editoras. Júlia Schwarcz, que é editora pela Companhia das Letras, afirma que as obras do escritor alcançam diferentes públicos. "A *dobradura do Samurai* é de 3 a 6 anos; *Hermes, o Motoboy* é um livro juvenil de 10 a 14 anos; *A Cicatriz*, que também é mais ou menos de 3 a 6 anos; *Telefone sem Fio* que é de 0 a mil anos; *Pai, Não Fui Eu* que é de 2 a 6 anos e *A Hora do Almoço*, para a mesma idade". Júlia também comenta sobre o tipo de linguagem usada por Ilan: "É bem diferente, oral, vem das contações de histórias. Um

tom próximo das crianças. E há também os temas. Como ele está muito ligado às filhas dele, ao que acontece no dia a dia delas, ele tem uma sensibilidade incrível".

Com a Brinque Book, o escritor já lançou 18 livros e a editora Suzana Sanson possui a mesma visão de Júlia, afirmando que tratar o cotidiano e ter um "toque de humor" são as características diferenciais de Ilan. Na editora Ática, da Abril Educação, o famoso livro *O Alvo* foi publicado. Lavinia Favero, editora que trabalha na empresa, explica que a obra está vendendo muito bem e já ganhou diversos prêmios e reconhecimentos, aparecendo até no *White Ravens* — uma seleção feita pela Biblioteca Internacional da Juventude, em Munique. Para Lavinia o Ilan se destaca justamente por não ser politicamente correto, alcançando uma leitura do universo da criança despida de preconceitos e estereótipos. "Ele não é só um autor que senta e escreve. Ele tem uma vivência muito grande com crianças de todos os tipos devido à formação de contador de histórias. Isso influencia em tudo, positivamente. Ele conhece o público".

em que se decide por qual caminho ir. A decisão tem uma consequência e no final ela sempre volta para o começo, não tem fim. Não é censurado como a Chapeuzinho tradicional e a criança intui o caminho. Outro autor é o Sergio Capparelli com a linha de poesia interativa. Em alguns textos, é a criança que escreve o final e publica.

**Brasileiros - Você acredita que com tanta tecnologia as crianças perdem o interesse pela leitura?**

Nascimento - Não. Há um teórico da comunicação, Ezequiel Theodoro, que defende o seguinte: na internet as pessoas se relacionam prioritariamente por escrito, mesmo podendo conversar por som e imagem. Anos atrás os principais lazeres eram a televisão e videogame. Hoje há muito mais um resgate da cultura textual escrita, haja visto o fenômeno Harry Potter.

**Brasileiros - Qual sua opinião sobre as produções de textos infantis em plataformas digitais?**

Nascimento - Uma pesquisa mostrou crianças que leram um texto

impresso e outras em versão para tablet. As primeiras captaram mais a história do que as crianças do tablet. As interações, imagens e animações têm que ser como a ilustração do livro infantil. Precisam contribuir para a história, ajudando o leitor a ampliar o sentido do texto, imaginar e ter uma leitura prazerosa.

**Brasileiros - Como o senhor percebe os autores infantis da atualidade?**

Nascimento - A literatura fica condicionada aos programas de Governo. Assim, a maior parte dos autores publica o texto conforme a agenda do politicamente correto. Não podemos culpá-los. O Governo no passado adotou Monteiro Lobato e foi muito criticado. Na escola, há professoras que não usam os livros por conta de ilustrações ou palavras. Então, os escritores pensam em fazer o que vai ser comprado.

**Brasileiros - Dados do Instituto Pró-Livro mostram uma diminuição na leitura de livros infantis. O que o senhor pensa sobre esta queda?**

Nascimento - Temos um exemplo

ruim para as crianças. São poucas as famílias que cultivam o hábito da leitura. O mais importante é que as crianças tenham acesso aos livros em casa. Mas acho que estamos retomando um caminho bacana porque o Governo se preocupa mais com a alfabetização.

**Brasileiros - Quais as expectativas para o gênero infanto-juvenil e o objeto livro nos próximos anos?**

Nascimento - O Governo vem investindo em educação, trazendo professores de diversas escolas para dar a formação do MEC em relação à alfabetização de crianças e trabalho com os livros didáticos. Também ampliarão a compra de livros com o Programa Nacional Biblioteca da Escola. O fundamental mesmo é capacitar os professores para trabalhar a leitura. Com relação à tecnologia, ela incentiva a escrita, mas é provável – como aconteceu nos EUA, onde a cultura digital está mais disseminada – que o livro impresso perca certo espaço para o conteúdo digital.

## A importância da imagem

Quem também sente o retorno de trabalhar com Ilan são os ilustradores. Seu livro mais famoso, *Até as Princesas Soltam Pum*, foi feito em parceria com Ionit Zilberman, ilustradora que também desenhou para outras sete histórias de Ilan, incluindo as de reconto como *As 14 Pérolas Budistas* e *As 14 Pérolas da Sabedoria Judaica*.

As ilustrações são extremamente importantes para a literatura infanto-juvenil, pois permitem diferentes formas de contar a história e conseguem atrair a atenção dos leitores. A imagem dialoga e, muitas vezes, até modifica o texto. Para Ionit, *Até as Princesas Soltam Pum* tinha uma narrativa interessante e as ilustrações conseguiram contribuir com a criação. “Uma história divertida e gostosa que liberta

as meninas de certos padrões de comportamento. Acho que esse tema (o pum) é encantador para os pequenos, visto o sucesso do livro no Brasil e no estrangeiro. Quando vem junto com princesas aí é um sucesso!”, responde a ilustradora sobre a repercussão da obra.

O ilustrador Renato Moriconi compartilha a mesma paixão de Ilan em relação aos livros. Assim, eles não só se tornaram bons parceiros de trabalho como também amigos. Apesar de já ter uma carreira em andamento, Renato reconhece que atuar com Ilan é benéfico e prazeroso, pois ele leva o trabalho de seus parceiros para as editoras, divide ideias e escuta as opiniões. O ilustrador participou de obras de grande repercussão como *Telefone sem Fio* e *O Alvo*.





Renato Moriconi ilustrou livros famosos de Ilan como *Telefone sem fio* e *O Alvo*

O primeiro livro é feito apenas de imagens. A ideia surgiu para Ilan em um jantar com muitas crianças bagunçando. Para instaurar a calma, ele sugeriu a antiga brincadeira do telefone sem fio. A partir daí, o escritor se inspirou e tentou escrever o texto algumas vezes, mas não conseguiu. Ele contou Renato e apresentou algumas ideias. Buscando referência em livros da coleção *Gênios da Pintura*, uma série que foi bastante utilizada como mediação de pintura em aulas de artes, Renato criou uma sequência de personagens que parecem cochichar de página em página, como uma grande fila da brincadeira telefone sem fio. A narrativa permite múltiplas interpretações para as crianças, despertando e instigando a imaginação.

Graças à versatilidade, essa história é bem recebida pelo público e muito contada oralmente. Quando as crianças já conhecem a obra elas se antecipam ao escritor quando ele diz "O pirata falou para o..." As crianças respondem precipitadamente: "Papagaio!"

Já *O Alvo* foi elaborado com um furo central. Do começo ao fim. O livro traz uma releitura de um conto polonês em que um professor tem o dom de auxiliar a todos contando histórias. A proposta do furo já chegou assim para Renato, que teve de criar as ilustrações em volta dele. "O Ilan é uma cara que pensa no visual e ajuda muito nas ideias. Essa ideia do furo eu não sei de quem partiu, mas ele aposta nas coisas e vai atrás de bons ilustradores e projetos gráficos interessantes. Ele vê o livro como um todo e não só o texto. É uma das pessoas que eu mais gosto de trabalhar", analisa o ilustrador.

Essa história foi a primeira de Ilan publicada pela Editora Ática. Lavinia, a editora, confirma que foi um

desafio, pois Ilan queria um livro redondo. No fim, chegaram ao formato de um furo que perpassasse o livro todo. Lavinia também dá um parâmetro da complexidade que o processo de edição de um livro infantil demanda, comentando que a ilustração é parte de uma dimensão tanto paralela quanto complementar do texto. Há também os detalhes do projeto gráfico como a fonte, o fluxo do texto pela página e a legibilidade que exigem o máximo de atenção, pois "Estamos lidando com um público que a primeira experiência com o livro pode ser com o que publicamos. Temos de fazer uma obra para a criança entender o mundo e não subestimar a inteligência dela", esclarece a editora.

As coleções de *Clara* e *Gabriel* são livros mais antigos do autor e receberam a ilustração de Silvana Randon. Ela admite que ter obras vinculadas com o Ilan é valioso, pois com ele seu trabalho começou a ser reconhecido. *Clara* é particularmente especial para a ilustradora. Usando preferencialmente o traço no lápis e a pintura no computador, seus desenhos são voltados ao humor, o que combina com a escrita de Ilan "O Ilan é muito participativo, aceita sugestões, troca ideias. Trabalhar com ele é sempre divertido e gratificante", conta Silvana.

Guilherme Karsten reforça essa avaliação, pois Ilan o deixou livre para criar. Ele é responsável pelos desenhos de *Manhã* e *Conversa para Pai Dormir*. O ilustrador explica que a imagem serve de apoio para o texto e que a leitura visual tem tanta força quanto a textual. Por fim, ele faz uma análise "Acho que a ilustração só é importante se for relevante, ela deve seguir por caminhos paralelos ao texto para que eles possam se encontrar no fim".

## LÚCIA HIRATSUKA: ENTRE PINCÉIS E PALAVRAS



Lúcia estudou a técnica do sumiê para criar ilustrações inspiradoras

A ilustração de um livro infantil deve ser memorável. Em suas obras, Ilan Brenman dá vida aos simples objetos existentes no dia a dia das crianças e valoriza, em cada página, cores e desenhos que transportam para o mundo da imaginação.

“Escrever um livro para crianças exige um contato direto com sua criança interior”, explica a escritora e ilustradora de livros infantis Lúcia Hiratsuka. Há cerca de trinta anos na área, ela acredita, assim como Ilan, que uma verdadeira obra infantil não deve subestimar o intelecto da criança. “Temos que falar de igual para igual e não infantilizar a história. É preciso ter uma coerência interna”.

Descendente de japoneses, Lúcia veio para São Paulo há trinta e sete anos. Ela fez três anos de graduação em Artes Plásticas, na Faculdade Belas Artes. Depois disso, recebeu uma bolsa de estudos pela Universidade de Educação de Fukuoka, no Japão, estudando o EHON, famosos livros ilustrados japoneses. Retornou ao Brasil depois de um ano e começou a recontar e ilustrar contos orientais “O que me encanta é essa possibilidade de fazer um livro onde tudo que o compõe conta uma história, inclusive a ilustração”, conta.

Lúcia ilustra seus próprios livros e, para isso, praticou e estudou durante anos a técnica de ilustração sumiê. Simplicidade, naturalidade e simbolização são os elementos básicos da técnica, que traz uma pintura à tinta originada pelos budistas chineses durante a Dinastia Sung (960- 1274). O trabalho da artista foi reconhecido e convidado para ilustrar um poema de Cecília Meireles.

Recontar lendas da cultura de outros países aproxima Lúcia do escritor Ilan Brenman, visto que ele já recontou pérolas judaicas, budistas e indianas. Para a ilustradora, os contos atravessam épocas porque falam de sentimentos e de seres humanos. Os livros de *Sayuri* simboliza essa sensibilidade. Com poucas imagens e riqueza textual, ela aborda a Segunda Guerra Mundial no Brasil pelas palavras de sua mãe. Naquele período, imigrantes japoneses não podiam ter livros ou falar o próprio idioma. Para proteger as obras, eles os enterravam

nos quintais. “Essa cena foi muito marcante. Na minha casa tinham tantos livros que nunca pensei em vê-los queimados”, esclarece a escritora.

Lúcia afirma que é possível formar ótimos leitores com capacidade crítica, crendo que nem mesmo o avanço tecnológico tiraria a posição do livro e as sensações que ele transmite “É coisa de tato, de criar, de cheiro”, defende. Para ela, não há desculpas e segredos sobre o estímulo da leitura “Os pais têm papel principal nessa história. São eles os agentes estimulantes para a leitura”. Lúcia acredita que o “sentar e ler uma história” ajuda em criar o hábito de ler entre as crianças.

É preciso cuidado e dedicação para construir um livro infantil. Ambos os escritores, Lúcia e Ilan, concordam que a grande responsabilidade do autor é não ultrapassar os limites da realidade, mas sempre incentivando e preservando a imaginação.

### O mundo tecnológico

Em relação ao momento atual, quando as tecnologias ganham espaço e a preferência de muitas crianças, Ilan lança um olhar crítico para as infâncias que só possuem contato com a internet e a velocidade. Há muitos pais que já estão cientes desta questão. Um exemplo é o casal Cintia e Júlio Lima, pais de Nicole, que tem sete anos. A criança está em fase de alfabetização e simplesmente adora ler histórias. A mãe conta que se surpreendeu pela filha gostar e pedir tanto por livros. Nicole tem acesso à tecnologia na escola e em casa. O pai pensa que as crianças hoje são muito “robóticas” e não brincam mais como antigamente. A solução que



encontraram, segundo Júlio Lima, foi “Mesclar isso, o acesso digital e a leitura, forçar um pouquinho, tirar a criança do automático”.

Já Carlos Eduardo, também de sete anos, tem uma rotina regrada em relação ao videogame. Sua mãe, Cristina Rodrigues, o incentiva desde pequeno a só jogar nos finais de semana. Ela conta que com três anos o menino já mexia no celular. Ainda assim, Carlos Eduardo cresce vendo o hábito de leitura dos pais e, assim, vem desenvolvendo o interesse por livros.

Muitos sites com histórias infantis e interativas que combinam sons, imagens e texto, além de darem o poder de escolha para os pequenos, já estão no ar. Ilan, apesar de achar essa possibilidade envolvente, ressalta “É bacana, mas é fria no sentido de não ter contato humano lá”. Para ele, a substituição da presença de um cuidador por um aparelho não é nada boa.

A escritora Regina Drummond observa que essa reclamação da internet “roubar” o espaço que era do livro é internacional “Aqui na Alemanha reclamam da mesma coisa, aliás na Europa inteira”, conta Regina. Porém, ela discorda dessa premissa “Eu não vejo assim. Ler é ler, não importa o veículo. A criança de hoje já nasce com um controle remoto numa mão e um computador com internet na outra. Não há como ignorar isso. O resto é mera consequência. E aí entra a função do educador”. A escritora acredita que contar o tempo e o conteúdo que as crianças acessam é o segredo para que o livro não perca sua participação durante a infância.

(Leia mais sobre os conteúdos digitais para as crianças e a influência de novas mídias em entrevista com o especialista José Augusto Nascimento na página 12)

## Criações e expectativas

Para chegar à produção de tantas obras, Ilan conta com três tipos de processos. Primeiramente o reconto, já apresentado neste texto. Com anos de pesquisas do mundo inteiro ele reinterpreta contos antigos, populares e tradicionais. Outra forma de escrever é através da observação do cotidiano. Atento às falas e ações de suas filhas, ele desenvolve histórias que são similares à rotina de muitas famílias. Ilan gosta de dizer que observa as formigas. “E quando eu vejo a minha formiga, reparo nela profundamente e vou escrevendo sobre aquilo que estou tão próximo e é tão pequeno. Vejo que isso parece universal, isso é literatura”, explica o escritor. *A Cicatriz e Papai é Meu* simbolizam esse tipo de criação.

Há também os livros de criação pura, como é o caso de *Mamãe é um lobo*. São aquelas ideias que surgem aparentemente do nada. A categoria que mais tem sido publicada por Ilan, no entanto, são as de observação que trazem histórias do cotidiano.

Para 2012, ainda está previsto o lançamento do livro *O Bocejo*, em parceria com Renato Moriconi. A proposta é semelhante ao *Telefone sem Fio*, pois a história será narrada completamente por imagens. A publicação deve sair até o final do ano. Para o futuro, ele ainda pretende escrever e publicar muito, mas tem como objetivo maior a elevação da literatura infantil a um patamar mais respeitado.

O autor acredita já estar contribuindo no sentido de mostrar para a área editorial e cultural que o livro infantil não é algo menor ou mais fácil. Ele observa que “O mercado editorial depende de bons autores para preparar essa criançada para serem bons leitores de romances, de obras mais complexas. Então, tem que ter respeito. Eu acho que isso é uma batalha diária”. Uma luta em que, se o sucesso for alcançado, as próximas gerações poderão colher os frutos.

PARA ILAN,  
OS APARELHOS  
ELETRÔNICOS  
NÃO PODEM  
SUBSTITUIR A  
PRESENÇA DE  
CONTATO  
HUMANO



## **Amigos e parceiros definiram Ilan em poucas palavras**

Ana Luisa Lacombe, atriz e  
contadora de histórias:

### **Comunicador**

*"Ele tem uma capacidade  
muito legal de mexer com os  
preconceitos"*

César Obeid, escritor e contador  
de histórias:

### **Profunsuavidade**

*"Eu inventei uma palavra, porque  
ele é uma pessoa extremamente  
profunda e faz tudo com muita  
suavidade"*

Ionit Zilberman, ilustradora:

### **Íntimo das palavras**

*"Ilan sabe contar uma boa  
história, pois tem habilidade e  
intimidade com as palavras"*

Júlia Moritz Schwarcz, editora da  
Companhia das Letrinhas:

### **Curioso**

*"Suas obras instigam a  
imaginação da criança,  
aproximando-a do mundo da  
literatura"*

Renato Moriconi, ilustrador:

### **Generoso**

*"Toda a vez que o Ilan vai para  
editoras ele fala dos ilustradores,  
leva o trabalho da gente"*





PIOS  
ARES

CHICA  
e JOÃO

POESIAS

POESIAS



